
A desinformação em tempos de guerra e a fake news na era digital: uma análise comparativa da obra de Leão Serva¹

Karine Rodrigues de CARVALHO²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O artigo explora os conceitos de desinformação na obra de Leão Serva, jornalista que cobriu a guerra da Iugoslávia para o Estadão. Através de sua experiência, o autor demonstra no livro como a desinformação se estruturava nas matérias jornalísticas. O livro é comparado com as estratégias desinformantes contemporâneas, como as fake news, que são resultados de processos sofisticados. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica se baseia em autores referências no assunto como Perseu Abramo, Ignácio Ramonet, Eugênio Bucci, Claire Wardle para oferecer uma análise aprofundada do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação; Jornalismo; Fake News; Leão Serva; Tecnologias da Informação.

INTRODUÇÃO

Nos anos de 1992 e 1993, o jornalista Leão Serva, trabalhou como correspondente de guerra, para o jornal O Estado de São Paulo (Estadão), no conflito ocorrido na antiga Iugoslávia, o qual envolveu as seis repúblicas que constituíam aquele país. Durante a década de 1990, o jornalista exerceu várias funções dentro do periódico que na época era um dos maiores do Brasil. Foi repórter, correspondente internacional, secretário de redação e editor do Estadão. Serva descreveu que sentia a dificuldade do leitor em compreender as matérias publicadas na imprensa daquela época, fosse no impresso em que ele trabalhava ou em outros periódicos semelhantes, independente do assunto tratado. Tal problema se tornou tema de uma dissertação de mestrado que o jornalista defendeu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1998. No ano de 2001, o conteúdo daquele trabalho acadêmico foi transformado no livro “Jornalismo e Desinformação”.

¹ Trabalho apresentado no GP COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E LIBERDADE DE EXPRESSÃO, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
² Mestranda em Comunicação, Mídia e Cidadania pela Faculdade Informação e Comunicação da UFG (FIC/UFG), Bolsista CAPES, email: karine.carvalho@discente.ufg.br

Com mais espaço, maior liberdade de “criação” e sem a obrigatoriedade de se enquadrar no rigor científico, ele destrinchou os conceitos de desinformação funcional, de manipulação pela informação, de reducionismo jornalístico, da submissão da notícia e de neutralização da informação, características que segundo o jornalista e mestre em comunicação dizia estar presentes nas publicações e provocavam justamente este parco entendimento da notícia por parte do leitor. A proposta deste artigo é trazer à luz estes conceitos e comparar com os conceitos de desinformação mais utilizados para caracterizar a produção jornalística brasileira a partir de 2016, até o momento. Porém, não seria possível abarcar dentro de um artigo todas as produções em que seja expoente de um “novo” conceito de desinformação, a tentativa é mostrar como se deu a mudança, quais são os possíveis métodos de identificação da desinformação e porque o problema continua existindo, mesmo com o avanço tecnológico da comunicação, que passou de analógica para digital.

A guerra é um período extremamente difícil para quem está no meio do conflito. No momento em que cobriu a guerra na antiga Iugoslávia, seja na área de conflito ou à distância, a grande preocupação de Leão Serva se concentrou no ato do fazer jornalístico e como esse produto chegava ao leitor/consumidor de notícias naquele momento. Após anos de observação participativa, como repórter ou editor, pode sentir que mesmo estando no centro da produção, que havia dificuldade de entender contextualmente um ou mais assuntos explorados nas matérias publicadas. No caso da guerra, a situação se tornava pior, haja vista que se tratava de um conflito em um país muito distante, no leste europeu, as negociações que envolviam todo o aparato do combate não eram de conhecimento dos brasileiros, e pelo fato de que política internacional, não é um assunto de fácil compreensão e nem muito popular. O que se torna simbólico em um conflito é o horror e o sofrimento de quem está inserido naquele contexto (Serva, 2001).

Em uma constante busca por melhoria na qualidade da produção, tanto sua quanto a de colegas os quais ele pode intervir, o jornalista procurou formas de tratar fatos multifacetados e os converter em textos mais simples e de fácil compreensão para o leitor. Esta busca pela simplificação o obrigava a imprimir características, que já imbuíam em efeitos menos informantes, (Abramo, 2016) como a omissão de fatos, redução de significados e manipulação de informações. Na maioria dos casos, aquela prática provocava um efeito uniformizante e pasteurizado da notícia, de modo que o mesmo tema, explorado da mesma forma parecia estar em todos os grandes jornais impressos. Este tom

mais objetivo era utilizado, para não incorrer em dados divergentes e não desfocar o fato (Serva, 2001). E no caso da cobertura da guerra, dada a dificuldade de se obter informações seguras e mais objetivas, o uso de material de agências de notícias internacionais era uma constante, pois ficava mais barato ser assinante do serviço que manter um correspondente no local do combate. Ainda que no período, a mídia tradicional atravessava uma fase bastante lucrativa no Brasil e em quase todo o mundo (Guareschi, 2005).

A APROXIMAÇÃO E COMPARAÇÃO DE CONCEITOS

Até meados da década de 2000, a imprensa brasileira experimentava um período bastante fecundo, com os jornais impressos, revistas, rádio e a televisão que tiveram o seu auge de audiência e por consequência lucratividade. A internet naquele momento, ainda não era uma concorrente a altura (Mattos, 2005).

Dantas (2008), discorre sobre processos hegemônicos com sendo um “complexo exercício de uma determinada classe sobre o conjunto de uma formação social ao longo de toda uma época histórica”. Tal constatação diz muito sobre a produção de notícias e informações no Brasil até o ano de 2010, período em que poucas famílias concentravam o monopólio das comunicações. Isso significou que, a produção de sentido, a captação e apreensão do que era visto, ouvido e lido pela maior parte dos brasileiros era determinado por poucos, que detinham a riqueza, o domínio sobre a produção de bens materiais e imateriais. Ramonet (2013) é mais agressivo e diz que os meios de comunicação servem a interesses privados, mudam a linha editorial dos veículos de acordo com o acreditam ser mais atraente e sedutor, e se veem atropelados pela velocidade em que as notícias chegam aos interessados, sem precisar mais de um meio material como um jornal impresso para se informar.

Neste contexto de mídia dominante é que estava inserido o jornal Estado de São Paulo, principal fonte de análise de Leão Serva. Trata-se de um veículo impresso fundado em 1875, teve como diretor e proprietário Júlio Mesquita, foi um dos primeiros jornais publicados no Brasil e em atividade até os dias atuais.

Tomando por base o livro “Jornalismo e Desinformação”, a desinformação no ambiente jornalístico dos jornais impressos da década de 1990 é caracterizada pelos seguintes termos: Omissão, sonegação, submissão, deformação saturação, neutralização e redução. Tais ações de manipulação se configuram como mecanismos normais e comuns dentro da edição jornalística (Serva, 2001), mas que contribuem para alterar o maior propósito

do fazer jornalístico que é informar e se aproximar o máximo possível da verdade factual (Arendt, 2016).

Dentre os problemas identificados no livro, o mais importante para nós é o fato do autor tratar os mecanismos de manipulação da notícia mais utilizados na época, como sendo uma criação sua, sem identificar autores e teóricos que se debruçaram sobre o tema. Porém, as caracterizações feitas por Leão Serva, já tinham sido detalhadas e contextualizadas por Perseu Abramo em 1988. Abramo escreveu um artigo que seria convertido para um livro, anos depois, em que ele trata da manipulação da informação por parte da grande imprensa no Brasil naquela época. “O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade” (Abramo, 2016, p.37). O que dá volume para as explicações de cada conceito presente no livro Serva (2001), se utiliza de vasta quantidade de exemplos, retirados em sua maioria de textos jornalísticos, experiências pessoais, de textos filosóficos e em poucos trechos é referenciado em obras clássicas da comunicação.

A demarcação de 2016 foi emblemática por se tratar de um ano em que proliferaram no mundo, campanhas de desinformação massivas e sistemáticas que contribuíram com a saída da Inglaterra da União Europeia, o famoso Brexit. Outro marco foi a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. No centro desta discussão, as novas tecnologias de comunicação foram essenciais para disseminar as fake news e conseqüentemente provocar a desinformação da população desses países (D’Ancona, 2018). No Brasil, os registros feitos por agências de checagem como a LUPA foram de que, as fake news e a desinformação atingiram um patamar nunca antes ocorrido, durante o processo eleitoral de 2018 e a pandemia de Covid-19 (Barbosa *et al.*, 2019).

No ano de 2018, o dicionário digital Dictionary.com escolheu o vocábulo “Misinformation” como a palavra do ano. Segundo a edição do dia 26 de novembro de 2018, do jornal The Guardian, o sentido da palavra misinformation, traz a intenção explícita de desinformar. Embora a palavra não seja nova, a notoriedade ocorreu devido ao volume de conteúdos desinformantes que foram pulverizados nas redes sociais nos últimos anos (Bucci, 2019).

De acordo com o “Guia essencial da First Draft para entender a desordem social”, obra produzida como resultado de uma pesquisa liderada pela jornalista Claire Wardle, o problema maior não está nas fakes news, mas em quem as vê como notícias que não são.

Se considerarmos o problema da propagação e como ele é usado para descredibilizar o jornalismo profissional. O objetivo dos estudiosos, além de entender a gênese da criação das fakes news e dos objetivos de quem a dissolve no mundo, é como conter os problemas gerados pela desinformação causada pelas fakes.

O “novo” fenômeno da desinformação é complexo e se expande por ramificações que Wardle (2020) entende como sendo um ecossistema de sofisticadas estratégias para disfarçar um conteúdo enganoso e se travestir de uma notícia, com formato e consistência bastante semelhantes. Autores e teóricos da comunicação e ciências sociais aplicadas creditam o descontrole das fake news e por consequência da desinformação, ao crescimento do acesso à internet e às redes sociais digitais.

Sem uma política de controle que regulamenta os mecanismos de verificação de veracidade, países em quase todo o mundo, principalmente os de regime democrático, têm sofrido os efeitos perniciosos que as fakes news causam na política e na sociedade. Mais do que se debruçar sobre sua origem, o foco deve se debruçar em conter o estrago causado por um conteúdo nocivo (Figueira, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Períodos diferentes, tecnologias diferentes, mas o mesmo jornalismo. Acreditamos que há uma grande diferença entre os conceitos de desinformação adotados pelo jornalista e autor Leão Serva, no livro escrito em 2001 e a crise da desinformação que o mundo atravessa na contemporaneidade. Se no raiar do novo milênio o que provocava a desinformação era a manipulação no formato da notícia, reduzindo, omitindo, simplificando, neutralizando ou conforme destacou (Abramo, 2016) colocando a em padrões que não corroboravam com realidade dos fatos. Imagino que o livro não tinha a pretensão de servir como base teórica sobre a desinformação após a publicação. Porém o fraco arcabouço teórico em que Serva se baseou para construir os conceitos apresentados no livro não dá sustentação para que seu trabalho virasse referência. Até 2010, no Brasil, as informações eram essencialmente divulgadas nos meios tradicionais e hegemônicos, como veículos impressos, rádio e televisão. O webjornalismo ganhou corpo e alcançou um público maior a partir da segunda década do século XXI. Foi a partir do advento da web 2.0, com a popularização da internet, o barateamento e o maior acesso da população aos smartphones que a situação se inverteu. O problema é que a proliferação de fake news ganhou corpo e proporções planetárias com as redes sociais digitais. O

conteúdo desinformante atual tem a clara intenção de causar algum dano. Agora governos e sociedade correm atrás de soluções para conter as fakes news e tentar diminuir o estrago já causado por elas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. - 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

ARENDT, H. **Crises da República**. Tradução José Volkmann. – 3. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2017.

BARBOSA, M. (org). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**, - 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BUCCI, E. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

COUTINHO, E. G. (org). **Comunicação e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

D' ANCONA, M. **Pós-verdade**. - 1. ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. - 3. ed. - São Paulo: Contexto, 2008.

FIGUEIRA, J. SANTOS, S. (org). **Fake news e a nova ordem desinformativa na era da pós-verdade**. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

GUARESCHI, P. BIZ, Osvaldo. **Mídia e democracia**. - 2.ed.- Porto Alegre: P.G/O.B, 2005.

LEVY, P. **Cibercultura**. – 3.ed. – São Paulo: Editora 34, 2010.

MATTOS, S. **Mídia controlada: a história da censura no Brasil e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2005.

MORAES, D. RAMONET, I. SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder: Da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SERVA, L. **Jornalismo e desinformação**. – 2. ed. ver. atual. – São Paulo: Editora Senac, 2001.

WARDLE, C. **Guia essencial para entender a desordem informacional**. – 2.ed. Brasil, Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0, 2020.

ASSOCIATED PRESS. 'Misinformation' picked as word of the year by Dictionary.com. **The Guardian**. Londres, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2018/nov/26/misinformation-word-of-the-year-dictionarycom>. Acesso em 14 nov. 2023.